

## Os três nãos de Deus



# Os três nãoos de Deus

*Porque apenas a graça basta*

TIAGO CAVACO



mun**do**cristão

Copyright © 2025 por Tiago Cavaco

Os textos das referências bíblicas foram extraídos de *A Bíblia Para Todos* (BPT), da Sociedade Bíblica de Portugal, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação*  
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

C363t

Cavaco, Tiago

Os três nãos de Deus : porque apenas a graça basta / Tiago Cavaco. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2025.  
112 p.

ISBN 978-65-5988-408-7

1. Evangelismo. 2. Vida cristã. 3. Espiritualidade. I. Título.

24-95264

CDD: 253.7

CDU: 2-766

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Biblioteca - CRB-7/6643

**Categoria:** Espiritualidade  
**1ª edição:** fevereiro de 2025

*Edição*

Daniel Faria

*Revisão*

Ana Luiza Ferreira

*Produção*

Felipe Marques

*Diagramação*

Gabrielli Casseta

*Colaboração*

Guilherme H. Lorenzetti

*Capa*

Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil

CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Aos pregadores que mudaram a minha vida, como o  
Tio Teo, o João Saramago e o Keith Hodges



# Sumário

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Prólogo                           | 9   |
| 1. A pior igreja da Bíblia        | 19  |
| 2. O horror ao vazio              | 51  |
| Epílogo: (ou O fim do sermão)     | 79  |
| Apêndice: O excessivo ABC do nerd | 83  |
| Sobre o autor                     | 111 |



# Prólogo

Tornei-me cristão aos 6 anos. Tornei-me batista aos 14. Tornei-me calvinista pelos vinte. Senti a tentação de me tornar católico pelos trintas. Só me tornei realmente evangélico aos quarentas.

É óbvio que se tivesse de escolher apenas uma das designações, seria a primeira. Mas é também a primeira designação, de cristão, que hoje facilmente pode significar menos. Quando tanta gente famosa se torna cristã e até velhos ateus se afirmam cristãos culturais, o que é ser cristão, afinal? Para muitos, ser cristão passa mais por uma posição em relação ao estado das coisas do que por uma posição em relação a Cristo.

Para quem se assusta com o rumo destravado do mundo, ser cristão pode ser uma tentativa sincera de freá-lo. E nesse esforço compreensível, a maior

atenção é dada às circunstâncias que precisarão de Jesus como um auxílio. O risco é que ser cristão se torne mais um meio do que um fim. Se ser cristão resolver aparentemente os males do mundo, cristão o mundo precisará ser também.

Tendo em conta que esses assuntos arrastam milênios de grandes debates, alinho numa grande simplificação: o cristianismo cultural nasce da tentativa bem-intencionada de curar os males do mundo. Dependendo de quem diagnostica esses males, a própria receita de cristianismo terá de se adaptar ao tratamento que pareça mais eficaz. Para o caso que nos calha em sorte, na terceira década do século 21, o cristianismo evangélico parece não dar conta do recado.

O cristianismo evangélico parece só resultar numa fase muito precoce do reconhecimento da doença. Mal o paciente começa a melhorar, exige formas mais sofisticadas e complexas do tratamento. Afinal, os evangélicos revelam mais tarde sofrer de boa parte dos problemas que no mundo queremos curar: não transmitem a harmonia e a história ideais. As práticas evangélicas claramente não se mostram capazes. Os olhos não veem as soluções sonhadas.

Se quisermos ser sinceros, os cristãos evangélicos não são assim tão menos desgraçados do que o

mundo. E foi no reconhecimento lento dessa mesma conclusão que fui me apercebendo que ser evangélico era difícil para mim. Durante anos lutei contra ser evangélico tentando versões alternativas de ser evangélico. Consoante as épocas, podia sublinhar que era batista, podia sublinhar que era calvinista, podia sublinhar que era protestante, podia sublinhar que era qualquer coisa que, não tendo a coragem de me livrar de ser evangélico, me tornava exceção. Não queria assumir, ao ser um evangélico tão evangélico como os outros, que as minhas soluções não eram assim tão competentes contra os males do mundo.

Até que os males do mundo foram quase todos encontrados dentro de mim (tentei fazer a crônica desse processo no livro *Arame farpado no paraíso*). Quando o problema principal da minha vida passei a ser eu, o mundo perdeu a prioridade da minha crítica. Não abandonei o mundo até porque, podendo ser tentador, é difícil. Mas encontrei-me com Cristo como nunca antes tinha acontecido. E quando Jesus começou a tratar de mim, compreendi que o melhor que podia fazer pelo mundo era desistir de eu ser a solução para ele.

Ser cuidado por Jesus fez-me assumir a minha inadequação para curar o mundo. Entendi que ser cristão começa não na solução mas no problema que

a antecede: somos chamados a ser pacientes antes de nos fazermos passar por médicos. Todas as fraquezas óbvias dos cristãos são parte fundamental da cura do mundo, e não uma necessidade a ser disfarçada com maquiagem. Sempre que o cristianismo se oferece para curar o mundo, antes de se dar a ser curado por Cristo, faz o trabalho do diabo e não de Deus. Assumir a doença que o pecado é em nós é o primeiro passo da saúde de que o mundo precisa. Na Bíblia, a tentação vem sempre em forma de uma proposta de solução precoce.

Os cristãos evangélicos são a prova da falta de imunidade aos problemas do mundo. As soluções evangélicas, demasiado dispersas até para no meio da hiperdiversidade deles produzirem sequer uma aparência unificada, falham. Os evangélicos mostram, por isso, mais doenças do que curas. Se formos sinceros, diante dos males do mundo os evangélicos não têm nada para mostrar. Se Deus está conosco, ele parece invisível.

E esse mesmo reconhecimento duplo foi o que precisei fazer: como evangélico, não tenho nada para mostrar; como evangélico, o meu Deus é invisível. Tenho demorado a chegar aqui. Tenho deixado gente à espera de soluções mais competentes que eu possa sugerir. Mas ao encontrar-me com Cristo, na minha

obsessão tipicamente evangélica de leitura desenfreada da Bíblia, encontrei o evangélico que sou. Lamento. E celebro.

• • •

Este livro resulta de um sermão que preguei na Igreja da Lapa, em Lisboa, a comunidade cristã de que faço parte. Ser pastor marca tudo o que faço e, por causa disso, não há para mim experiência de comunicar semelhante à da pregação. A minha escrita e qualquer modo de expressão que tente reflete o meu compromisso com o púlpito. Se já houve épocas em que tentava disfarçar, hoje sei que ser um pregador é uma característica que deve surgir desavergonhadamente em qualquer texto que escreva.

O sermão chamava-se “Shows que mostram Deus” e fazia parte de uma série panorâmica sobre toda a Bíblia chamada “Saber ouvir” (pode ser ouvida na internet). Era domingo, 9 de junho de 2024, e o texto era 2Coríntios 5.7: “Porque andamos por fé e não por vista”. Esse verso faz parte de uma coleção de passagens bíblicas que a família Cavaco decorou e recita semanalmente há mais de uma década. Ao pregar essas palavras, pregava também uma boa parte da minha vida.

Pelo fato de ser um pastor evangélico num país de larga maioria católica romana (cerca de 80% da população), sou um português pouco português. Viver no nosso país sem se sentir parte dele caracteriza ser evangélico em Portugal. Logo, é inescapável a relação conturbada que tenho com o catolicismo e com a maternidade que reivindica sobre a minha pátria. No dia em que lidar moderadamente com a diferença que ser evangélico me oferece em Portugal, provavelmente será sinal de que o abandonei.

Se acrescentar a isso a bênção que é ter bons amigos católicos e uma experiência já não pequena de diálogo com a fé romana, não consigo sacudir da minha pele de pregador décadas desse contraste. Sou, por natureza e nutrição, um polemista simplificador. O sermão que pregava naquela manhã acabava a resumir espontaneamente grande parte da minha carreira enquanto pregador. Foi, também por isso, um sermão especial. Não foi especialmente sistematizado, mas foi especialmente sincero.

Confesso que, logo à altura, pensei: tenho de expandir este sermão em livro. Umas quantas vozes na congregação encorajaram-me, notando que aquela mensagem tinha alcançado nelas uma ressonância particular. Na era dos excertos videográficos de sermões, a equipe de comunicação da Igreja da Lapa

publicou cinco minutos que, para o trânsito virtual modesto que costumamos ter, viralizou. Mais de cem mil visualizações em pouco tempo confirmavam que o sermão ganhava ouvidos além de Lisboa.

Já tenho alguma prática em adaptar sermões em livros e há modos mais simples de o fazer do que este que usamos aqui. Neste livro misturo mais porque o sermão propriamente dito foi ampliado, quer ao nível do texto bíblico, quer ao nível da sua exposição. Mais ainda: desejei complicar citando mais demoradamente dois autores que nos últimos tempos se tornaram obrigatórios para mim. Jacques Ellul e, mais brevemente, Abraham Joshua Heschel auxiliam o meu sermão como frente mais filosoficamente consistente.

A mistura de pregação com citação longa de Ellul e Heschel desequilibra este livro, mas esse desequilíbrio não é sem intenção. Sou um pregador que não se formou em teologia mas numa licenciatura sobretudo sobre filosofia da linguagem (Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e não preciso pedir desculpa por isso. Toda essa confusão entre autores santos e profanos marca o ministério de pregação do evangelho que tenho o privilégio de exercer. Acrescento ainda no apêndice um “Excessivo ABC do

nerd” que resulta de tudo o que não fui capaz de acomodar com lógica e harmonia no texto principal — funciona como um porão do livro, provavelmente insalubre e a evitar.

Este livro não segue, por essas razões, um rumo linear: não é redondinho e organizado; segue trilhos divergentes e mete-se até em alguns buracos; distrai-se do caminho principal e tenta regressar ao destino. No fundo, espero que estas páginas possam ser lidas com a mesma benevolência com que Deus lê as da nossa vida. Se este livro fosse muito ordenado, trairia a sua própria causa de defender o povo evangélico a partir das vitórias que não tem para mostrar.

*Os três não de Deus* é uma tentativa de resumir uma parte da minha experiência enquanto cristão evangélico. É o reflexo da minha família feita da Ana Rute e dos nossos filhos, Maria, Marta, Joaquim e Caleb; é o reflexo da Igreja da Lapa, de que faço parte, comunidade evangélica num Portugal que a estranha; e é reflexo da equipe pastoral que integro, junto com o pastor Filipe Sousa, agora que o nosso companheiro Mark Bustrum regressou aos Estados Unidos.

Para alguém que vai afirmar repetidamente que os evangélicos não têm nada para mostrar, não me falta gente ao lado, sem a qual não podia assinar estas

páginas. Espero não envergonhar ninguém. E sobretudo espero encorajar outros que, como eu, se sintam tentados a curar os males do mundo a preferir outra prioridade: a de mostrar publicamente o nada que somos, para que sobressaia o tudo que recebemos do Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Vindo dele, até um não pode ter a graça que nos basta.



# 1

## A pior igreja da Bíblia

A pior igreja que existe na Bíblia é a de Corinto. Lembro-me de em 2010 estudar a primeira carta que o apóstolo Paulo escreveu aos coríntios com uma pequena e nascente igreja no bairro de São Domingo de Benfica, em Lisboa. Éramos um grupo de menos de quarenta pessoas e cada domingo era um domingo de escândalo com os horrores de que os cristãos coríntios eram capazes. Essa é uma das grandes qualidades da Bíblia, a de nos ensinar o pior que pessoas podem fazer, sobretudo as cristãs. Gente sem fé a cometer malvadezas é previsível; gente com ela a fazer tão mal ou pior, isto sim, é um plano de leitura estranhamente divino. Os crimes cometidos fora da Bíblia dificilmente surpreendem quem cresceu a lê-la — a realidade é sempre muito mais chata e inocente fora das Escrituras.